

# Artesanato Kaingang: entre usos e desusos da cultura material\*

*Talita Daniel Savoro, Ninarosa Mozzato da Silva e Ana Lúcia Vulfe Nötzold*

## **Resumo**

A proposta deste artigo é refletir sobre a cultura material, mais especificamente o artesanato produzido pela comunidade Kaingáng da Terra Indígena Xapecó, localizada no oeste de SC. Embasamos nas fontes escritas produzidas por Fernandes (1941), Keller (1867) e Mabilde (1836), além de estudos produzidos na atualidade. Utilizamos a metodologia da História Oral na realização de entrevistas com professores de artesanato Kaingang, observando as práticas pedagógicas para sua confecção, pois o artesanato é ensinado nas escolas como disciplina curricular. No passado, o artesanato Kaingang era voltado para suprir as necessidades do grupo indígena nas suas atividades cotidianas. A partir do contato com os não-indígenas, várias transformações aconteceram no que se refere à matéria-prima e à função dada ao artefato. Hoje, os artesanatos são produzidos quase que exclusivamente para a comercialização e adaptados às necessidades de venda. A prática do artesanato na escola contribui para a coesão do grupo indígena e reflete na construção de sua identidade étnica? As permanências e transformações da cultura material são significativas na memória do grupo? Lançamo-nos nesse estudo buscando entender os mecanismos que geraram e geram os usos e os desusos dessa cultura material.

**Palavras-chaves:** Kaingang; cultura material; artesanato; educação; memória.

O estudo da cultura material e das artes nas sociedades indígenas nos diz muito sobre o modo de vida nestas sociedades. Permite que conheçamos não somente suas singularidades, mas também aquilo que compartilham umas com as outras e que as distingue da sociedade ocidental.

O conhecimento muito preciso na elaboração e fabricação de objetos é compartilhado pelos membros de cada grupo indígena e adquiridos através da observação sistemática, experimentação e pesquisa da natureza. Isso se dá ao longo de muitas gerações precedentes e constitui uma estratégia produtiva para resolver questões práticas na vida cotidiana. Remetem-se às tradições identificadas pelo grupo como suas marcas distintas, específicas de sua identidade; falam de modos de viver e pensar compartilhados no momento da confecção do produto material ou artístico.

Apesar de, no conjunto, terem criado objetos bastante semelhantes para sobreviver, cada povo tem desenvolvido tendências próprias. A criatividade tem se manifestado sem cessar.

Os Kaingang que residem na Terra Indígena Xaçecó eram conhecidos como Coroados, devido ao corte de cabelo similar ao dos padres franciscanos; e Bugre, Shokleng, Botocudo ou Guayaná (HENRIQUES, 1999, p.15). Habitavam uma extensa área que compreendia os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, atingindo o leste do Paraguai e o nordeste da Argentina.

A designação Kaingang foi introduzida na literatura por Telêmaco Borba em 1882, referindo-se aos não-guaranis dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Até o século XVIII, tiveram os primeiros contatos com os não-índios através de viajantes, missionários e bandeirantes. Porém, estes contatos foram apenas esporádicos, tornando-se mais intensos durante o início do século XIX, com a luta pelo domínio dos campos de Guarapuava e Palmas, através da expansão dos campos de criação de gado pela Coroa, por intermédio das frentes pioneiras (D'ANGELIS; FOKÃE, 1984, p.15-22).

No século XX, os índios sofreram as conseqüências da política de colonização, principalmente com a chegada de descendentes de italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul. O que percebemos, então, no oeste catarinense, é a exclusão de índios de suas terras para a entrada destes imigrantes e descendentes, incentivados por companhias colonizadoras que negociavam títulos de terras pertencentes aos índios (D'ANGELIS, 1984, p.54-55).

A exploração madeireira tornou-se muito forte também nesta época, acompanhando uma política considerada progressista do governo Juscelino Kubischeck; de explorações econômicas de todos os recursos, tendo como conseqüência a total dizimação de aproximadamente 60 mil pinheiros da área indígena (OLIVEIRA, 1996, p.34-35).

Atualmente, os Kaingangs distribuem-se em 28 Terras Indígenas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Constituem um dos cinco maiores grupos indígenas no Brasil, possuindo cerca de 20 mil habitantes. Pertencem ao tronco lingüístico Jê meridional, derivado do Macro-Jê. Hoje, falam cinco dialetos espalhados por seus territórios, de acordo com estudos da lingüista Ursula Wiesemann (TORAL, 1997, p.11).

A Terra Indígena Xapecó (TIX) tem essa denominação por localizar-se no cruzamento dos rios Xapecó e Chapecozinho. A terra situa-se entre os municípios de Ipuauçu e Entre Rios, no oeste catarinense, e teve origem no decreto de 18 de junho de 1902, assinado pelo então presidente do estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva (nesta época esta região pertencia ao Paraná). Possui, atualmente, 15.623 hectares e, aproximadamente, 5000 indivíduos, de acordo com dados fornecidos pelo cacique Sr. Nilson Belino-Machado.

A TI X é sede das seguintes aldeias: aldeia Jacú Sede do Posto Xapecó, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Água Branca, Fazenda São José, Matão, Paiol de Barro, Barro Preto, Limeira, Guarani e Baixo Samburá (NÖTZOLD, 2004, p.5). A T.I. X é atendida pela Administração Regional da Fundação Nacional do Índio

(FUNAI) de Chapecó, que administra também as TIs de Chimbangue/SC, Pinhal/SC, Rio dos Pardos/SC, Nonoai/RS e Palmas/PR.

Devido ao intenso contato com o não-índio, alterou-se muito o modo de vida tradicional Kaingang. Passou de um regime de subsistência baseado na caça, coleta e agricultura, para uma exploração econômica da mão-de-obra indígena na agricultura, principalmente com a chegada do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1941, quando fundou o Posto Indígena Selistre de Campos, que viria dar origem à Terra Indígena Xaçepó. Hoje, economicamente, os Kaingangs trabalham nas lavouras na Terra Indígena, além de oferecerem-se como mão-de-obra nas propriedades do entorno.

A cultura material é muito importante para as sociedades indígenas, dado a relevância de que nela consta a identidade e o simbolismo da etnia e da comunidade. Pois é “o papel fundamental do artesanato – seu valor absoluto: testemunhar a vida, dar peso, importância, felicidades ao cotidiano, seja pela eficácia mágica atribuída aos objetos rituais e de adorno, seja pela própria utilidade intrínseca das peças destinadas à facilitação do existir” (RIBEIRO, 1983, p.147). Através dos objetos confeccionados pelos diversos grupos indígenas, pode-se perceber o cotidiano, os rituais e a elaboração de seus trabalhos.

Seguindo a perspectiva de Vieira (2004, p.47), “cultura é o conjunto de idéias, concepções e significados, sempre reelaborados, ao longo do tempo”. Entretanto, quando analisamos um objeto por si só, não obtemos todas as informações nele contidas sem ter o auxílio da História e, conseqüentemente, da fonte escrita. Pois “os dois tipos de documentos oferecem contribuições para o estudo da etnicidade” (GARRAFONI, 2001, p.36).

Muitas vezes nos deparamos com diversos objetos em diferentes contextos, e, infelizmente, muito da história é perdida. O acordo com Ribeiro e Ribeiro (1987a, p.18) “existe a tendência de se supor que os artefatos coletados falam por si.” O que sabemos é que estes “só falam” quando interrogados e que a pergunta é o diferencial de uma pesquisa que consegue extrair do objeto o máximo de compreensão.

Na cultura material existem várias formas de diferenciação do objeto. Uma delas é a idade do artesão, que “é um dado importante pelo fato de identificar a variabilidade do artefato atribuível a fatores ligados ao ciclo de vida e ao desenvolvimento pessoal do produtor” (RIBEIRO e RIBEIRO, 1987a, p.21). Ele fornece dados passados de uma geração para a outra, pois nas sociedades indígenas as crianças passam mais tempo com os avós do que com os pais, recebendo, dos avós, destes o conhecimento.

Também é perceptível, através do sexo, onde se reflete a fabricação e divisão de trabalhos que resultarão em objetos que servem a ambos, ou que são restritos a um determinado sexo. A miscigenação causada por desavenças, casamentos mistos ou outros motivos faz com que o trabalho dos etnólogos seja ainda mais minucioso, pois os indivíduos trazem suas técnicas de confecção ou as adaptam às do grupo a que são inseridos.

Essas modificações ou reelaborações na cultura material não significam que o objeto deixou de ser indígena, pois, segundo Cenci (1994, p. 204), os “vínculos com a sociedade envolvente fazem com que o grupo incorpore elementos e práticas características do meio, e que, com o passar do tempo, assumam-os como seus”. O que é errôneo, hoje, em dia, é cairmos nas informações obtidas pelo senso comum que caracterizam os indígenas como pessoas que vivem nus em uma floresta, caçando, pescando, sem organização alguma. Ao contrário, possuem uma organização social própria. São esses tipos de informações sem conhecimento, passadas no dia-a-dia, que levam ao preconceito. São poucos os povos indígenas que ainda se mantêm isolados. Por isso, quando estudamos a cultura material, não podemos ignorar o efeito do mercado turístico.

Os objetos indígenas são compreendidos como artesanato, quando feitos em miniatura e destinados à venda. Antigamente, tanto para os Kaingangs como para as demais etnias, os objetos eram voltados para o grupo que os confeccionava, com sentido utilitário, como por exemplo, o cesto, produzido pelas mulheres, que desde meninas aprendiam a arte do trançado. Esse recipiente

servia para carregar alimentos, pequenos animais obtidos nas caçadas ou na colheita do pinhão, seu principal alimento, quando utilizavam cestos carregadores, nas costas, como descreve Mabilde (1983, p.128):

Têm, em geral, dois palmos e meio de altura, dois palmos de diâmetro na boca e, às vezes, menos de um palmo de diâmetro no fundo. Por baixo colocam uma espécie de tirante (...). Essa tira, na altura da boca do cesto, é presa com uma tira de imbé que envolve o cesto. (...) Quando o cesto fica às costas, esta passa pela testa.

Os cestos também eram utilizados para transportar água. Para tal função, eram “forrados por dentro com uma camada de cera de abelhas do mato. Aplicavam a cera numa grossura de mais de um oitavo de polegada, tornando-os impermeáveis. Nestes cestos colocavam uma ‘alça de imbé lhes dando a forma de um balde” (FERNANDES, 1941, p.189).

No livro *Suma Etnológica Brasileira* (1987a), há uma discussão em torno da impermeabilização dos cestos. Alguns autores sugerem que a utilização de cestos impermeabilizados por algumas etnias corresponderia à ausência de cerâmica, mas vários outros estudiosos consideram a existência da impermeabilização como uma transição entre o trançado e a cerâmica. Hoje, essa prática não é mais utilizada pelos Kaingangs.

A cestaria é um conjunto de objetos, como cestos - recipientes, cestos-coadores, cestos-cargueiros, cestos-descartáveis, que, juntamente com outros objetos, fazem parte da tralha doméstica. É o conjunto de objetos relacionados à casa, mas que também podem ser utilizados em outras atividades. De acordo com Velthem (1987, p. 97), “os artefatos que compõem a tralha doméstica são atributo feminino no que se refere ao uso e posse”, pois os afazeres domésticos dentro da organização indígena cabem às mulheres. Entretanto, a confecção deles é de ambos os sexos. O critério que classifica estes utensílios é a sua funcionalidade.

Os cestos ou balaios são de diferentes tamanhos e formas, como a tuia, que é um tipo de cesto que se diferencia dos demais por ter

uma tampa. Também podem ser decorados. Para acentuar os padrões de desenho, empregam-se três procedimentos, citados por O'neale (1987, p.329):

1) utilizam elementos de trançado que diferem quanto à cor na superfície e no verso; 2) empregam elementos de colorido natural diverso. (Os Kaingáng conservam a película verde de talas de taquara); 3) tingindo uma das séries de elementos de trançado.

Entretanto, atualmente, as cores com que são tingidos e trançados os objetos Kaingangs não têm simbolismo algum. Os atuais trançados Kaingangs são, na maioria das vezes, quadriculados ou sarjados, intercalando as talas tingidas de anilina com a natural. Esses trançados possuem nomes como: zigue-zague, triângulos e quadrados vazados.

São confeccionados a partir da taquara mansa e taquaruçu, que é a principal matéria-prima utilizada pelos Kaingangs, além do cipó guambé. A taquara é "cortada ainda verde, raspam a sua camada externa e em seguida destacam longitudinalmente tiras ou pequenas talas medindo ordinariamente sessenta centímetros de comprimento, encontram-se talas de mais de 2 metros de comprimento dependendo este da natureza da peça a ser trançada" (FERNANDES, 1941, p.189). A taquara exercia muitas funções, como: apanhar pinhão; cortar cabelo e cordão umbilical de recém-nascido; com os gomos, juntamente ao fogo, faziam a água ferver e tinha ainda várias outras utilidades.

Antigamente, a cerâmica indígena era presente em quase todas as etnias, especialmente no uso doméstico. Para a fabricação desses objetos, a argila é a matéria-prima básica e era necessário buscá-la às margens dos rios, que, às vezes, poderia ficar longe da aldeia. "Para a coleta é aproveitado o período das secas, quando baixam as águas dos rios, é muito comum a participação dos homens nesta etapa" (LIMA, 1987, p.174). Porém, essa é uma atividade feminina, em que era permitido à mulher iniciar-se cedo na prática ceramista,

muito embora seja esta uma tarefa especificamente adulta, própria em geral, de mulheres casadas. O barro recolhido, na maioria das vezes, precisa de elementos adicionais para não ter deformações na peça depois de pronta. Os Kaingangs davam início ao objeto, retirando porções da pasta e “fazendo com ela pequenas bolas com cerca de 8-9 cm de diâmetro e 2-3 cm de espessura. Essas bolas são trabalhadas com os dedos até formar uma espécie de cone oco, a partir da qual se constrói a peça” (LIMA, 1987, p.175).

Vários motivos ocasionaram o quase desaparecimento da cerâmica indígena. Segundo Lima (1987, p.218), “entre os Araweté, a cerâmica está ameaçada a desaparecer, não apenas porque vem sendo substituída por recipientes de alumínio, mas, sobretudo, porque sua atual aldeia situa-se a grande distância das fontes de suprimento de argila (...)”. Fernandes relatou (1941, p.190) que as panelas de barro não eram mais fabricadas pelos Kaingangs, e apenas os mais velhos lembravam desta atividade. Esse relato é escrito posteriormente aos aldeamentos provocados, por exemplo, pelo SPI/LTN (Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais), criado em 1910, com objetivo de manter a paz no sertão e auxiliar os indígenas. Entretanto, respondia aos interesses de autoridades, colonos e outros. Sendo assim, percebemos que a mudança de território é um dos fatores que provocaram o desuso da fabricação de objetos de barro, pois os indígenas estão restritos a um pequeno espaço territorial, sem conhecimento deste e sem liberdade.

O pilão de pedra também já não existe mais, foi substituído pelo pilão de madeira, obtido através da secção em um tronco de árvore. Ali socam alimentos, como o milho, de onde obtêm a farinha, chamada pixé, servida com diversos tipos de comida.

Cada objeto produzido refere-se à cultura do grupo. É uma identificação da pessoa que o produz, pois a forma, o trançado e o modelo parte da sua criatividade. Sendo assim, o indígena é um artista. Entretanto, não se reconhece como tal, pois “é tão somente um homem igual aos outros, obrigado como todos, às tarefas de subsistência da família” (RIBEIRO e RIBEIRO, 1987b, p.30).

Nos seus artefatos, muitas vezes, buscam a perfeição, por meio do trançado e da decoração. Também, na produção dos objetos, há intervenção de vários fatores, desde os mais práticos, como os recursos naturais disponíveis para utilização como matéria-prima, até o desenvolvimento de técnicas adequadas; a utilidade e finalidade dos objetos e instrumentos e os elementos simbólicos: concepções religiosas, estéticas. “Estes fatores exprimem: conhecimentos do grupo, tradições que são passadas de geração para geração, identificando o modo de vida e a cultura de cada grupo” (SILVA; GRUPIONI, 1995, p.371).

O que se verifica também é a imitação e produção de objetos não-indígenas devido à finalidade do artesanato, hoje, voltado quase inteiramente para o comércio. Os indígenas saem de suas casas para venderem seus objetos ou trocá-los por alimentos e roupas. Eles têm plena consciência de tudo que está acontecendo. Porém, a grande preocupação dos mais velhos na comunidade Kaingang, da Terra Indígena Xapecó, é o desinteresse, especialmente dos jovens na aprendizagem do artesanato e da língua materna. Dizem que a juventude sente vergonha de ser índio e de fazer o que índio faz.

A instituição escolar foi inserida no contexto das comunidades indígenas a partir da colonização. Porém, diz Vieira (2004, p.86) que a “educação destinada às populações indígenas sempre esteve voltada para a integração dessas comunidades com a sociedade envolvente, havendo negação da diversidade cultural”. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, essa triste realidade mudou, e as populações indígenas têm garantido o direito à alteridade, o uso de sua língua materna e de processos próprios de aprendizagem. Com isso, renascem perspectivas de um futuro melhor. É o que fala o professor Kögren (2000), quando se refere à construção da nova escola localizada na aldeia sede da Terra Indígena Xapecó: “Olha isso aí eu tô achando pra nós uma grande coisa (...) isso aí vai fazer com que os nossos índios volte a ser como era antes (...) isso aqui vai dar muito valor pra nós”. A interação com a sociedade parte do momento em que se transmite o conhecimento

para proporcionar a todos uma igualdade através de uma educação de qualidade.

Os indígenas sempre foram considerados um atraso para o progresso da sociedade. Desde o começo da “exploração colonial”, visava-se centralizá-los num pequeno espaço de terra através dos aldeamentos, para atender aos interesses dos colonos, da Coroa e dos jesuítas. A sociedade retirou-lhes o que deles era por direito, como as riquezas naturais por meio dos desmatamentos e do sofrimento, por causa da utilização da sua mão-de-obra. Sem ela, o projeto colonial seria inviável. Foram excluídos da sociedade em que viviam, perderam suas terras, um dos maiores símbolos de sua identidade, pois eles têm a terra como mãe e ao referir-se ao seu nascimento dizem “nós nascemos da terra” (NÖTZOLD, 2004, p.13).

Os indígenas preservam e têm muito respeito pela natureza, pois sobreviviam e ainda dependem dela. Na Terra Indígena Xapecó, uma parte da mata é nativa, outra não é aproveitável, e grande parte foi desmatada, extinguindo várias espécies. Esse é um dos fatores que afetam o artesanato: a falta de matéria-prima que, devido a sua escassez, acabou perdendo um pouco da qualidade e teve que recorrer à substituição de materiais naturais por artificiais. Um exemplo muito presente é a anilina, que substitui as cores naturais, obtidas antigamente. A cor preta era extraída do carvão de pinheiro queimado e aferventado na água junto com as talas de taquara. A cor avermelhada era obtida do cipó guabiroba. Hoje, dizem os Kaingang, assim como a professora de artesanato Campos (2005) “a anilina nunca vai ficar de fora, pois torna o objeto mais bonito”.

O comércio atinge o artesanato, fazendo com que perca a sua qualidade, pois começa a produzir maiores quantidades; faz com que se extinga ainda mais a matéria-prima e interfira nos objetos sagrados que também são vendidos, porém é uma das únicas fontes de renda dos indígenas.

Atualmente, algumas comunidades, como por exemplo, a Baniwa, habitantes do alto Rio negro, no noroeste da Amazônia (AM). Como diz a notícia extraída de texto veiculado na internet,

com o título: *Internet vai permitir que índios vendam artesanato à distância*. "A venda será feita por encomenda, para não gerar pressão para o aumento da produção entre os indígenas e pressão indevida sobre a cadeia de abastecimento da cestaria" (UOL, 2005), existindo mecanismo de controle de demanda.

O comércio de artesanato abre cada vez mais a oportunidade de uma pequena garantia de sobrevivência, dentre situações diversas, e a cultura material não escapa ao mercado turístico. Outrora o artesanato era concebido como bom, bonito e útil. Para valorizar ainda mais a cultura, era produzido com elementos naturais. A essas características dá-se o nome de arte índia que, conforme Ribeiro e Ribeiro (1987b, p.29), "são certas criações conformadas pelos índios de acordo com padrões prescritos, geralmente para servir a usos práticos, mas buscando alcançar a perfeição".

Além de alguns artesanatos não existirem mais, muitos perderam a sua finalidade, como é o caso das armas utilizadas pelos Kaingangs para caçar, pescar e guerrear. Hoje, usam facão e armas de fogo. O varapau, que era um pau de laranjeira do mato, usado para combates nas matas fechadas, hoje é desconhecido por muitos Kaingangs, que nem ao menos ouviram falar do uso pelos seus antepassados, pois, "hoje, já a maioria, não usa mais o que o passado usava. Hoje já é mais na arma de fogo, que nem eles falô, né. Se usa o facão, a faca, o revólver, a espingarda, já as coisa dos antigo já não existe mais" (CAMPOS, 2005).

O arco e flecha são comuns a todas as etnias. São alguns dos principais símbolos dos indígenas, "porém documentos mais antigos, pinturas rupestres do Piauí, indicam que o propulsor de dardos antecedeu o uso de arco e flechas, como arma de caça e pesca" (RIBEIRO, 1987, p.122). O arco e flechas são classificados como armas de ataque, pois têm várias funções, como: guerra, pesca, caça e ritual. Antigamente, os arcos eram compridos, chegando a dois metros de altura e fabricados geralmente da maneira, como observou Mabilde (1983, p.138): "a madeira é das mudas novas ou vergôntas de ipê preto" e enlaçadas com a casca do cipó imbé,

usado até hoje, pois possui uma coloração castanho-escura de aspecto brilhante, que enfeita o arco, juntamente com penas coloridas. Ambos os autores estudados referem-se à matéria-prima utilizada para a confecção da corda como sendo o tucum ou a matéria fibrosa extraída da urtiga do mato.

As flechas possuem as seguintes partes: ponta, vareta, extremidade proximal, haste, emplumação e extremidade distal. A emplumação da flecha é interpretada de duas maneiras: uma destinada a dar equilíbrio à flecha, a outra seria a posição espiralada da pena, constituindo um procedimento técnico para controlar a trajetória da flecha. Para a guerra, eram farpadas para que assim entrassem, mas não saíssem sem dilacerar a carne; para a caça das aves “as partes superiores das flechas – ou varinhas são de uma forma particular, isto é, em lugar de terminar a varinha em ponta aguda, termina arredondada, em forma de lentilha” (MABILDE, 1983, p.144), também são conhecidas por rombudas ou virotes. O virote descrito por Fernandes(1941, p. 184) é de madeira e possui diversos tamanhos, mas sabe-se que também existiu o virote de pedra. Assim, com esse tipo de ponta, a ave e pequenos mamíferos só eram feridos; para matar animais de grande porte, utilizavam flechas pontiagudas.

Indígenas do Norte do Brasil utilizavam pontas de flechas envenenadas para atingir suas caças. Os venenos conhecidos eram o curare e o bambu venenoso. Mas, segundo Mabilde (1983, p.144), “a tradição desse meio mortífero parece não ter passado do continente sul-americano”, o que mostra o não conhecimento da preparação e utilização do veneno pelos Kaingangs.

O arqueiro indígena tem facilidade de atingir o alvo, pois possui sensibilidade e experiência. Porém, devemos lembrar que segundo alguns relatos datados da metade do século XIX, os Coroados tinham preguiça de fabricar suas flechas que davam muito trabalho, por isso cuidavam para não as estragarem. Pensa-se que por esse motivo, Franz Keller, ao comparar a arma dos Cayoás com a dos Coroados, refere-se a perfeição e habilidade destes últimos. As armas são muito importantes para as sociedades indígenas, pois estão

presentes em todos os momentos, como em dias de festas. Conforme diz Mabilde (1983, p.118), os "homens trazem o arco, as flechas e o varapau e os guardam num lugar muito à mão". As flechas fazem parte do ritual de morte e são enterradas juntamente com o cacique falecido, como uma honra.

Os indígenas fazem bem tudo o que realizam. Antigamente, usavam lascas de pedra para cortar, puas de chifre, facas de osso para servir a todas as operações, têm habilidades com as mãos, o que os capacita para atuarem sobre as matérias-primas. Os objetos, como os machados de pedra, foram desaparecendo, "desbancados pelas ferramentas da civilização, que encantam com sua beleza, eficácia e utilidade" (WILLEY, 1987, p. 36). As pontas de flechas eram fabricadas com madeira, osso e pedra. Entretanto, depois do contato, descobriram o ferro para fazer suas pontas de flechas. Hoje, o arco e a flecha são menores e utilizados nas danças, por ocasião de comemorações, como a Semana do Dia do Índio e, principalmente, para o comércio. A caça quase não existe mais. A carne utilizada como alimento é comprada, ou criam animais domésticos, como é o caso de galinhas e porcos. Comprova-se, assim, uma das conseqüências dos aldeamentos do século XVIII e XIX, que obrigou o indígena a se tornar um agricultor sedentário.

O vestuário passou por uma grande transformação, pois, antigamente, tanto mulheres como homens andavam nus. Estes últimos, às vezes, usavam uma tanga feita com fibra de tucum ou da urtiga brava. Além disso, o corpo "é a base física mais freqüente das atividades artísticas dos indígenas" (RIBEIRO; RIBEIRO, 1987b, p. 46). Crianças, jovens e adultos são pintados para festas e comemorações. A folha de urtiga era o principal "tecido" usado pelos Kaingangs, assim como por outros grupos para confeccionar mantas e roupas.

As próprias mulheres teciam as peças do seu rudimentar vestuário, com fibras da casca da ortiga brava ou ortiga grande. Depois de as secar ao sol e macetá-las sobre um pedaço de madeira, maceravam-nas em água e após

alguns dias eram estes fragmentos reduzidos de preferência nas pedras das corredeiras, a uma maçaroca das quais as mulheres destacavam as fibras para proceder à fiação (FERNANDES, 1941, p.191).

Através do contato e também da questão do pudor imbuído no seu dia-a-dia, os indígenas começaram a usar roupas. Hoje, as roupas típicas não são usadas nem mais nas danças; agora, usam, nas comemorações, saias de taquara e semente e os meninos bermudas, além de pinturas e adornos. “A gloriosa nudez original, que era a base física da arte da pintura de corpo e de ornamentação plumária, dá lugar às figuras maltrapilhas do índio catequizado e aculturado” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1987b, p.63).

Os adornos utilizados são os colares, pulseiras, brincos e braçadeiras, confeccionados com sementes de canela, ariticum, jacum, timbó, entre outras, que são coletadas conforme a época do ano, além de penas tingidas com anilina. As braçadeiras são utilizadas tanto no braço como na perna, “sendo que até um palmo do tornozelo trazem, tanto os homens como as mulheres, a perna enleada de cordas do cipó Imbé” (KELLER, 1867, p.16) para protegerem-se das mordidas de cobras.

Nas aulas de artesanato realizadas na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, localizada na sede da Terra Indígena Xapecó, objetos como os colares e brincos são feitos com os alunos desde o início. Primeiramente, todos juntos vão ao mato colher as sementes, depois as trazem até a escola e, como diz o professor Kögren (2000), “daí nós vamos tirar a pele dela, a pele da semente, vamos deixar só o carocinho, daí vamos largar ela no sol, deixa que ela enxuga”. Depois disso, a semente é cortada ao meio, ficando então a pele com a qual são feitos os brincos juntamente com penas. A semente branca de dentro será utilizada na confecção de colares.

Ao contrário dos Xokleng, conhecidos antigamente por botocudos, devido à utilização de um botoque ou tembetá, abaixo do lábio inferior, os Kaingangs não usam nenhum enfeite labial.

Fernandes (1941, p. 173) diz que os Kaingangs “não usam mais os primitivos adornos, e hoje só se pintam por ocasião da “Festa dos Mortos”, quando a pintura do rosto vai caracterizar o grupo a que cada um pertence pelo traçado de linhas ou de figuras circulares”. O traçado de linhas é representado pela cor preta e se chama Kamé; já o circular é de cor vermelha, de nome Kairu, formando as duas metades opostas do grupo. Atualmente, fazem pinturas para as danças nessas duas cores, mas o significado já não é o mesmo.

O cocar, é um dos artesanatos mais antigos utilizado pelos Kaingangs. É usado tanto por homens quanto por mulheres em festas, reuniões e comemorações da comunidade e em divulgações fora dela. É feito também com penas. É nos períodos de festas e comemorações que o número de enfeites aumenta.

Os indígenas, em geral, possuem muitos instrumentos musicais, que fazem parte das danças e rituais. Porém, a “música instrumental e o canto são mais revestidos de sentido religioso (...), tanto os cantos como os coros são acompanhados de instrumentos como maracá, flautas” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1987b, p. 41). Segundo Seeger (1987, p.174), “os instrumentos tidos pelos nativos como objetos incorporam um poder identificado com diversas espécies de espíritos, seres ou grupos de pessoas”. Antigamente, os Kaingangs usavam o apito feito com chifre de boi e folha de coqueiro, para poder encontrar os homens no mato. Hoje, as flautas e apitos fornecem um som muito bonito e tornam a festa ainda mais agradável.

O chocalho ou maracá é um instrumento sagrado que possui conteúdo de natureza social e simbólica, utilizado nos rituais, como o do Kiki, para marcar o ritmo das danças. É feito de “um porungo com alguns grãos de milho ou pedrinhas no seu interior (xü) (xiquiú). É furado nas suas duas extremidades e transfixado por uma haste de madeira que serve de cabo pelo qual o instrumento é empunhado pelo dansarino [sic]” (FERNANDES, 1941, p.188).

Os Kaingangs também fabricam lanças e zarabatanas que, no passado, eram utilizadas para caçar e guerrear. Existem vários tipos de

zarabatanas. A que é produzida atualmente pelos Kaingangs da Terra Indígena Xaçupé corresponde a de um único tubo, feita de bambu (taquara). Através de um sopro, são lançados dardos que atingem o alvo, “os pequenos dardos (...) são mais eficazes na caça às aves e pequenos mamíferos do que na caça a animais de grande porte” (CHIARA, 1987, p.134). Entretanto, hoje, ela serve como uma brincadeira para as crianças. A zarabatana é predominante na planície amazônica.

Também confeccionam flores de cipó para enfeitar locais, vasos de flores, saboneteira de tala de taquara, peneiras, ninho para abrigar pássaros, como o beija-flor e vários outros objetos. Muitos dos objetos do cotidiano indígena são produzidos em miniatura para o comércio e para as crianças brincarem, como, por exemplo: cestinhas, arcos e flechas, animais de madeira e bonecas feitas de sabugo de milho.

“A arte comunal, cumpre três funções: diferenciar o mundo dos homens (...) dos bichos; aquela comunidade étnica de todas as outras e dar aos homens coragem e alegria de viver” (RIBEIRO; RIBEIRO, 1987b, p.31). A simplicidade, humildade e alegria deste povo é muito maior do que as dificuldades presentes. Portanto, não podemos esquecer que, independentemente de usarem roupas, celulares, terem televisão e outros objetos da cultura não-indígena, muitos valorizam a sua cultura e lutam para preservá-la.

É preciso usar das “armas” utilizadas pelo branco “colonizador” e “civilizador”, para ter o que é seu por direito, sendo, assim, a melhor maneira de lutar é conhecer a cultura do outro, para mostrar, como diz Narciso (2005), que “os indígenas são iguais e diferentes”. Iguais enquanto seres humanos e diferentes culturalmente, mas frisando sempre que o respeito deve ser mútuo. Por isso, hoje, muitos indígenas já cursaram, e tantos outros estão cursando faculdade, para terem acesso ao conhecimento e ensinar as suas crianças a mostrarem o seu potencial e se incluírem na sociedade.

Em cada canto, em cada casa e pela rua de uma aldeia indígena, nos deparamos com algum tipo de artesanato. Por mais simples

que ele seja, podemos perceber a importância desses objetos para esse povo, pois é o perfil da pessoa e da sociedade que está imbuído neles.

O artesanato, que antes tinha um caráter utilitário e ritualístico, tornou-se também uma fonte de renda para as famílias Kaingangs. Ele é vendido, especialmente, nos centros urbanos próximos à Terra Indígena. A confecção de artesanatos para a comercialização possui pontos positivos e negativos. Podemos salientar como positivos, a possibilidade de divulgação da cultura indígena, a autovalorização étnica como sinal de autonomia a ser reconquistada e o aporte financeiro. Como negativos, podemos salientar a confecção em série de objetos ritualísticos e de uso cotidiano e, conseqüentemente, menor qualidade do objeto final.

## **Referências**

CAMPOS, Maria Librantina. **Entrevista concedida a Talita Daniel Salvaro**. Terra Indígena Xapecó, 22 mar. 2005.

CENCI, Ângelo. Considerações em torno da Cultura e Identidade Kaingáng. In: MARCON, Telmo (coord.). **História e Cultura Kaingáng no Sul do Brasil**. Fascículo nº3. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1994.

CHIARA, Vilma. Armas: bases para uma classificação. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed, 1987a.

D'ANGELIS, W. R; FOKÂE, V. F. **Toldo Imbú - história e luta Kaingang em Santa Catarina**. CIMI, 1984.

D'ANGELIS, W. R. **Toldo Chimbanguê - história e luta Kaingang em Santa Catarina**. CIMI, 1984.

FERNANDES, Loureiro. **Os Caingangues de Palmas**. Arquivos do Museu Paranaense. v. 1. Paraná, jun. 1941.

GARRAFONI, Renata Senna. Cultura Material e Fontes Escritas: uma breve discussão sobre a utilização de diferentes categorias documentais em um estudo sobre as práticas cotidianas dos romanos de origem pobre. In: **LPH Revista de História**, n 11, Ano 11. Mariana/MG: Gráfica Monumento, 2001.

HENRIQUES, K N.R. Os Kaingang. **Informe sobre os povos indígenas de Santa Catarina**. Florianópolis, 1999.

KELLER, Franz. **Noções sobre os indígenas da Província do Paraná**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1867. (Museu do Índio).

KÖGREN, Carlos. **Entrevista concedida a Ana Lúcia Vulfe Nötzold**. Terra Indígena Xaçepó, 22 fev. 2000.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed, 1987a.

MARCON, Telmo (coord.). **História e Cultura Kalngáng no Sul do Brasil**. Fascículo n. 3. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1994.

MABILDE, Pierre. **Apontamentos sobre os Índios Selvagens das Nações Coroados dos matos do Rio Grande do Sul 1836-1866**. São Paulo: IBRASA, 1983.

NARCISO, Getúlio. **Entrevista concedida a Ana Lúcia Vulfe Nötzold**. Terra Indígena Xaçepó, 22 mar. 2005.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. (org). **O ciclo de vida Kaingáng**. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 2004.

OLIVEIRA, MC. **Os curadores Kaingáng e a recriação de suas práticas** - estudo de caso na Aldeia Xaçecó. Florianópolis, 1996. 244 f. Dissertação (Pós-graduação em Antropologia)- Universidade Federal de Santa Catarina. 1996.

O'NEALE, Lila. Cestaria. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed, 1987a.

RIBEIRO, Berta G. **O Índio na Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro. Editora Revan, 1987.

\_\_\_\_\_. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed, 1987a.

RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Arte Índia 3. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed., 1987b.

SEEGER, Anthony. Novos horizontes na classificação dos instrumentos musicais. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Arte Índia 3. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed., 1987b.

SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (orgs). **A temática Indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

TORAL, A. A. (org.). **EG JAMEN KY MU** - textos KANHGÁG. Brasília: APBKG/Dka Áustria/MEC/PNUD, 1997.

**UOL Economia. Últimas Notícias.** Internet vai permitir que índios vendam artesanato a distância. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/2005/08/26/ult82u5592.jhtm>>. Acesso em: 22fev2006.

VELTHEM, Lúcia Hussak van. Equipamentos domésticos e de trabalho. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2. ed, 1987a.

VIEIRA, Edna Elza. **Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng**. Florianópolis. 2004. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

WILLEY, Gordon R. Cerâmica. In: RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO Berta G. **Suma Etnológica Brasileira**. Tecnologia Indígena 2. Rio de Janeiro: FINEP, 2 ed, 1987a.

## **Abstract**

This article proposes to reflect upon material culture, in particular the handiwork produced by the Kaingáng Indian community in Xaçepó Indian reserve, situated in the west of Santa Catarina. Studies were based on the existing written materials by Fernandes (1941), Keller (1867) and Mabilde (1836), as well as more recent studies. The methodology of the study was that of Oral History when conducting interviews with teachers of Kaingáng handiwork and observation of their work; this job is taught at schools. Formerly, handiwork was produced by the Kaingang Indian community to assist in their daily life practices. However, in contact with non-Indians, the community experienced transformations as to the raw material used and the function assigned to the handiwork. Nowadays the handiwork produced has commercial purposes and adapt to the needs of the consumers. The issues considered in this article were: Does the practice of handiwork at school contribute to the cohesion of the Indian group and reflect on the construction of their ethnic identity? Are the transformations and permanence of material culture important to the memory of the group? The study, then, tries to understand the mechanisms which generated and generate the use and disuse of this material culture.

**Keywords:** Kaingáng; material culture; handiwork; education; memory.